

PENTEADOS AFRO-BRASILEIROS; UMA EXPRESSÃO ETNOCULTURAL

Ciranilia Cardoso da Silva –

Mestranda em Ciências Sociais: cultura, desigualdade e desenvolvimento pela
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
E-mail; cirancardoso@hotmail.com.

RESUMO

Este artigo realiza uma abordagem acerca dos penteados afro-brasileiros como manifestação de identidades e simbologias ligadas ao universo cultural africano, de modo que partes dos valores relacionados à produção dos penteados nigerianos atravessaram o atlântico no contexto da diáspora e resguardaram e resignificaram no centro histórico de Salvador-BA, alguns dos seus referenciais simbólicos, gerando renda e fortalecendo a cultura e identidade local. Nesta perspectiva esta abordagem tem como campo para suas inferências o Centro Histórico de Salvador que se configura como um dos principais centros de produção dos referidos penteados, local de trabalho de mulheres que sustentam suas famílias e ostentam suas identidades perpetuando uma tradição que revitaliza a autoestima do povo negro ao representar um padrão de beleza referenciada na estética africana.

Palavras-chave: penteados; identidade, afro-brasileira.

ABSTRACT

This article presents an approach about how hairstyles african-Brazilian expressions of identity and symbols connected to the African cultural universe, so that parts of the values related to the production of Nigerian hairstyles crossed the Atlantic in the context of diaspora and resguardaram resignificaram and the historic center of Salvador, Bahia, some of its symbolic references, generating income and strengthening the culture and local identity. From this perspective this approach has the field for his

inferences the historic center of Salvador which constitutes one of the main production centers of these hairstyles work of women supporting their families and boast their identities perpetuating a tradition that revitalizes the self-esteem of black people to represent a beauty standard referenced in the African aesthetic.

Keywords: hairstyles, identity, african-Brazilian.

INTRODUÇÃO

A cultura do povo afro-brasileiro, durante muito tempo, permaneceu estigmatizada com adjetivos de inferioridade. Entretanto, os movimentos organizados de valorização da cultura africana têm se mantido firmes na conservação de práticas que, ao aproximar os sujeitos de suas raízes culturais, tendem a superação dessa visão reducionista. Entre as práticas mais expressivas destacam-se as tranças afro-brasileiras, as quais elaboradas predominantemente por mulheres se constituem um ponto de reflexão sobre a dinamização e disseminação da cultura afro-brasileira. Nesta perspectiva esta abordagem tem como objetivo Analisar os penteados afro-brasileiros desenvolvidos na atualidade enquanto condutores de conteúdos simbólicos, buscando revelar em que medida estes pode existir como canais de expressão e reafirmação étno-cultural.

O campo para a construção as referidas inferências é o centro histórico de Salvador, devido as fortes raízes africanas dinamizadas e preservadas na Bahia, bem como o quadro da diversidade de trançadeiras que se encontram nas ruas deste bairro, o tornando o principal centro de produção dos penteados afros da cidade. Esses penteados que são desenvolvidos em vários bairros de Salvador-BA e tem sua origem em diversas nações do continente africano, sobretudo na Nigéria, país em que a valorização esteve e ainda hoje se encontra voltada para simbologias ritualísticas, religiosas e cotidianas, sendo traços diacríticos representativos quanto ao papel das pessoas em seus respectivos grupos sociais, inclusive a religiosidade e condição de gênero da mulher, a este exemplo os penteados de mulheres virgens, viúvas, solteiras, casadas, religiosas, obedientes aos seus maridos, independentes, etc. No entanto a partir do contexto da diáspora africana em que povos de diferentes regiões do continente migraram para o Brasil, essas simbologias passam por um processo de reconstrução de significados se adaptando a dinâmica cultural de outra realidade.

Essa prática de trançar os cabelos na Bahia tem como palco de localização o bairro do Pelourinho, centro Histórico de Salvador, lá encontrarmos trançadeiras representativas do cenário estético afro-brasileiro em Salvador entre elas Rasidat Lola Akanni popularmente conhecida como Lola, e Valdemira Telma de Jesus Sacramento, que atende pelo nome artístico Negra Jhô. Isso devido à relação que estabelecem com a produção dos penteados de cunho afro, uma interação que se renova e se estreita em termos de cultura, memória e ancestralidade, transcendendo a exercício profissional apesar de ambas serem proprietárias de espaços comerciais especializados nos referidos arranjos.

As tranças longe de permanecer na formalidade, são verdadeiros espetáculos de visualidade afros nas ruas do pelourinho em Salvador, produzidas por trançadeiras que tecem suas vidas, trançam seus cabelos e perpetuam sua cultura e identidade de raça e de gênero. Os penteados são produzidos por dúzias de mulheres trançadeiras no centro histórico com exceção de um homem, mas que ainda assim assume uma identidade feminina.

As tranças afro-brasileiras ainda representam uma forma de declarar a simpatia pelas heranças africanas, por turistas e gente da terra, gente de toda cor, mas principalmente a população negra ligada ou não ao movimento negro, as pessoas que manifestam um posicionamento político de repulsa a imposição de um padrão de beleza europeu, os adeptos das religiões afro-brasileiras, e os que admiram a referida estética.

DESENVOLVIMENTO

O Brasil é um país que concentra uma grande diversidade cultural, sendo a mesma, resultado do processo de colonização que contribuiu para misturas étnicas entre europeus e os povos nativos, e também da influência de diferentes linhagens africanas aqui presentes desde o final de o século XVI, atribuindo a nação brasileira uma pluralidade singular.

A população indígena foi parcialmente dizimada ao longo dos conflitos que existiram em sua trajetória histórica, já os africanos que aqui chegaram viveram cruelmente sob o regime da escravidão e mesmo após a abolição desta, não houveram políticas pensadas para integrar o negro socialmente, assim pouco foi feito para que o povo brasileiro se reconhecesse em suas raízes mais profundas.

Sabemos que as relações entre o Brasil e o continente africano foram marcadas pelo lamentável contexto da escravidão no novo mundo. Os povos indígenas colonizados pelos europeus, não se adaptaram as condições de trabalho escravo que atenderiam as necessidades da ampla produção para o comércio mercantilista, que não teve o apoio da igreja católica para a manutenção da escravidão dos nativos. Deste modo ao final do século XVI já havia no Brasil ou especificamente na América Colonial Portuguesa a presença do primeiro grupo de escravos africanos que daria início ao que se estenderia a uma sujeição secular nas terras de Pindorama.

Nesse contexto da escravidão, etnias de diversas localidades diferentes do continente africano foram submetidas às mesmas condições de exploração de trabalho, construindo a identidade atrelada a uma África imaginada e reinventada a partir de uma fusão e agregação de línguas, religiosidades, costumes e valores estéticos que ao chegar ao Brasil foram recriados e reformulados em uma diaspórica cultura afro-brasileira.

Um dos fatores marcantes e viabilizados pela colonização, a nosso ver, foi à contribuição africana na formação de nossas identidades, no entanto o que deveria ser motivo de reconhecimento se entranhou na mentalidade social sobre as mais diversas formas de racismo, no qual os negros, durante muitos anos foram inferiorizados nas mais diversas esferas sociais, sendo submetidos a massacres, exploração, segregação e discriminação sendo cobertos por estigmas de negatividade, que ainda na contemporaneidade permanece sob a forma de racismos sem atores.

“O negro mostra Myrdal é apresentado de maneira estereotipada, constantemente distorcida, sempre “no sentido de um rebaixamento” o racismo antinegros é pejado de concepções e de representações que não se explicam nunca pelas particularidades de seus alvos.” (Wieviorka, 2002. p. 61).

Michel Wieveorka (2002) conceitua ainda que racismo esta ligado a caracterizar um grupo humano pelos componentes naturais, atrelados a características intelectuais e morais de forma generalizante que fundamentam, praticas de inferiorizarão e de exclusão. A partir dessa conceituação, podemos dizer que a inferiorização da beleza negra e do cabelo crespo, característica hereditária da população negra, se configura uma prática racista, a partir da imposição implícita de um padrão europeu e branqueador.

Compreendemos que durante muito tempo à imagem do negro foi submetida a uma negatividade. Tudo que apontava para suas referências culturais eram inferiorizado e execrado na sociedade, tudo isso reflexo de uma racista ideologia moderna. E o cabelo enquanto elemento visual biológico de fácil identificação étnica juntamente com a cor da pele, foi estrategicamente usado como distintivo atrativo do preconceito, do mesmo modo que na busca de um discurso antirracista foi usado positivamente pelo movimento negro como valor expressivo dessa etnia que aspirava resistência a colonização que modificava não só pensamentos, mas literalmente as cabeças dos colonizados.

Este preconceito com as pessoas por conta da sua cor e visualidade negra era uma forma de manutenção de inferioridade sem que os atores desse racismo fossem facilmente identificados, o que na década de noventa era pensado como boa aparência estava distante do uso dos cabelos crespos, das tranças e vestuários que se inspirassem na religião, costumes e estética africana, pelo contrario esta seria um indicativo para exclusão.

Em virtude disso nos parece, o uso dos penteados afros pela população negra, tema que ocupa o lugar central do nosso debate, ser entre outras, uma forma de assumir um cabelo crespo a luz da estética capilar africanizada, tornando-se uma atitude política de afirmação étnico-visual e, portanto uma expressão de engajamento antirracista, embora esta não seja uma perspectiva determinante.

Ainda que exista preconceito, desvalorização e certo desconhecimento acerca dessa descendência afro-brasileira, como chamamos atenção acima, sempre existirão manifestações de naturezas diversas que apontam para o seu universo étnico e que gera um efeito de discurso positivo de valorização cultural, étnica, de gênero e identidade. Portanto podemos pensar para nossa realidade a seguinte proposição:

“... Entre nós, a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de uma, mas de muitos povos. suas origens não são únicas, mas diversas.” (Hall, 2003. P. 30).

Bahia, terra onde se reconhece as heranças africanas ao simples ato de andar nas ruas. Sabe que a referida terra é facilmente relacionada a referências de ancestralidade africana, por conta da forte presença de africanos em tempos de colonização, devido à importância econômica que a província representou durante colonização e ao fato de

abrigar geograficamente um dos dois portos mais fluentes do tráfico e exportação de tudo que poderia ser considerada mercadoria.

Manuela Carneiro da Cunha (1987) acredita que a diáspora africana gerou um sentimento de reafirmação de seus descendentes, de modo que descendentes africanos, ao compartilharem dessa identidade, sempre buscaram diversas formas de expressar esse sentimento de pertencimento a um grupo, de modo que esses caracteres escolhidos acabam se constituindo enquanto traços diacríticos que fortalece as diferenças e consequentemente as identidades.

Podemos pensar enquanto cultura afro-brasileira as práticas que foram resignificadas no Brasil por africanos e seus descendentes que aqui chegaram no contexto da diáspora, e resistiram reafirmando e reestruturando seus costumes, conforme a realidade local, desenvolvendo a partir de então uma África imaginada, idealizada, assim como a necessidade de reviver essa África para afirmar suas identidades no novo mundo.

Seguindo esta linha de pensamento, afirmamos que o uso e as práticas das tranças, nosso objeto de estudo, de alguma forma se constituem como identidades identitárias, pois embora exista um padrão de beleza ainda eurocêntrico que permeia a mídia e a sociedade, inúmeras pessoas que compõem população negra ou se identificam com a cultura, através da visualidade, não se intimidam e continuam afirmando sua identidade afro-brasileira também através da imagem.



Figura 1 - Mulher usando tranças de fibras

Fonte: arquivo pessoal

Podemos pensar os penteados afros como elementos visuais identificadores de um determinado grupo. Conseqüentemente, se algumas pessoas utilizam as tranças por apreciação estética, muitas usam como forma de expressão de sentimento de pertencimento, mesmo que estas tranças não conservem mais os significados de lugar de origem neste caso a África, mas agregam novos sentidos, afinal a visualidade é também um campo de comunicação e interação, onde os grupos identificam valores estéticos e culturais em comum.

No entanto devemos lembrar que as culturas são dinâmicas e embora determinadas práticas tenham emergido de tradições culturais, as mesmas sendo vivenciadas e experienciadas por grupos humanos, ao se espalharem por vários

territórios, logo se resignificam com o tempo e as circunstâncias, favorecendo a diversidade e as diferenças regionais.

Do nosso ponto de vista é notável a influencia da identidade étnica nos papeis sociais exercidos pela população negra, pois estes costumam vivenciar a visualidade, a musica, a dança, a religião, a arte e diversas manifestações da cultura afro-brasileira. O que estamos propondo aqui é que em alguns casos, o uso das tranças supera a apologia estética e atinge uma postura política, no momento que o uso deste penteado significa para a pessoa, se assumir enquanto negro e confrontar o padrão de beleza eurocêntrico que ainda existe.



Figuras 2 e 3 – Membro de banda percussiva usando penteado afro nas ruas do Centro Histórico de Salvador (modelo do penteado moicano com pinauna).

Fonte: arquivo pessoal

De acordo com Fábria Calazans (2001) que trata especificamente de cabelos e cabeças de mulheres negras e suas respectivas relações de etnicidade, o penteado é importante na formação da identidade. A autora parte da ideia de que os penteados atuam como uma expressão de etnicidade e afirmação identitária, retomam a questão da ancestralidade, da religiosidade refletindo a história coletiva e significados estabelecidos

por determinada etnia, ou seja, o corpo e o cabelo são veículos de expressão de conceitos e símbolos, consciente ou não.

Conforme Raul Lody (2001) uma dessas raízes da visualidade africana que costuma ser geralmente iorubanizadas são os penteados que eram e são muito utilizados na Nigéria. Lá eles possuem significados. No livro “cabeças de axé” de Lody (2004) que escreve sobre os penteados africanos e suas simbologias abrangendo aspectos ligados a crenças, temporalidade, relações sociais, de ordem econômica e de gênero, ritos de passagem presentes em penteados que significam e identificam mulheres em luto, mulheres solteiras, mulheres virgens, mulheres casadas, etc., Tratando também da importância da cabeça para o povo negro enquanto espaço de expressão étnica e identitária, na medida em que cada desenho dos penteados traduz reconhecimento social, a identificação de uma festa, de um ritual religioso, da condição social, econômica e também sexual. Novamente nos explica o autor;

“a karoba - tranças típicas da cultura Fulani; são bem fininhas e altas e pode formar uma série de desenhos significantes. Patwo – um estilo que lembra Oni Xangô, filhos do orixá Xangô. Koju soko – que significa “olhando para o marido”, é um penteado de casamento. Kolese – penteado fúnebre composto por duas tranças soltas, etc.” (Lody, 2004).

Através do processo da diáspora esse penteado passa por uma renovação das funcionalizações de seus significados no Brasil, mas preservando alguns caracteres. A autora Manuela Carneiro da Cunha (1987) ao escrever sobre os retornados, africanos que regressavam a África, argumenta que em relação identidade que se construiu, na maneira pela qual eles preservaram festas típicas, religiões, ou seja, elementos da tradição adaptados a suas realidades, pois como assegura a autora, a cultura é dinâmica e os signos e símbolos são usados para alimentar esse dinamismo, do mesmo modo podemos estabelecer uma comparação reflexiva ressaltando as tranças e penteados afro-brasileiros, como sinais diacríticos de indivíduos e grupos que afirma sua negritude também através da visualidade, sobretudo a população baiana ainda é ligada a ideia de África quanto à estética, religiosidade e outros elementos que permanecem em seus modos de vida, embora o grau de parentesco e descendência tenha se distanciado no tempo, tradições africanas como a citada anteriormente, quando sobrevivem, representam heranças que fortalecem esse elo.

Bacelar (1989) que escreve “Etnicidade; ser negro em Salvador” apresenta a etnicidade como uma forma de construção social a partir de classificações relativas a diferenças e semelhanças, e assinala ainda a existência de critérios definidores de grupos étnicos, sendo que essas identidades se formam em torno dos símbolos, marcas e emblemas étnicos, elementos estes diferenciadores de grupos. O autor propõe que o corpo pode atuar como uma materialização física da identidade, sendo capaz inclusive de distinguir grupos através de marcas portadoras de cargas simbólicas como é o caso das raízes africanas revividas nas tranças e penteados afro-brasileiros, criando um sentimento de negritude com um referencial étnico, histórico e por isso cultural.

Manuela Carneiro da Cunha (1987) acredita que a diáspora africana gerou um sentimento de reafirmação de seus descendentes, de modo que descendentes africanos, ao compartilharem dessa identidade, sempre buscaram diversas formas de expressar esse sentimento de pertencimento a um grupo, de modo que esses caracteres escolhidos acabam se constituindo enquanto traços diacríticos que fortalece as diferenças e conseqüentemente as identidades.

Sob este aspecto Lody (2001) parece ter razão quando reafirma a pluralidade do “acervo da história, dignidade, ética, moral e cultura de diferentes grupos procedentes do continente africano, especialmente do ocidente da África subsaariana e banto ocidental.” Afinal Aqui no Brasil o povo afro brasileiro descende de diversas regiões africanas, mas apesar de muitos reconhecerem as particularidades de suas identidades, em uma perspectiva mais superficial, se unem para comungar e referenciar o sentimento de pertencimento a uma única terra, a África idealizada que permeia em nossas imaginações.

Essa prática de trançar os cabelos na Bahia tem como palco de localização o bairro do Pelourinho, centro Histórico de Salvador, lá encontrarmos trançadeiras representativas do cenário estético afro-brasileiro em Salvador entre elas Rasidat Lola Akanni popularmente conhecida como Lola, e Valdemira Telma de Jesus Sacramento, que atende pelo nome artístico de Negra Jhô. Isso devido à relação que estabelecem com a produção dos penteados de cunho afro, uma interação que se renova e se estreita tem termos de cultura, memória e ancestralidade, transcendendo a exercício profissional apesar de ambas serem proprietárias de espaços comerciais especializados nos referidos arranjos.

Lola é responsável pela administração e também pela produção de penteados junto à loja de artigos africanos Abitoks Ewamoda, enquanto Negra Jhô atua no Salão de Beleza Negra Jhô Penteados Afro. Ou seja, Lola e Negra Jhô não apenas fazem uso das práticas e da estética africanas com fins comerciais, mas também compreendem a simbologia que as envolve, em particular, aquela reservada aos desenhos dos penteados desenhos que, aliás, oscilam entre a reprodução e a atualização de seus padrões, compreensão inclusive, já citada em algumas publicações que enveredaram pelo tema em questão, como Cabeças de Axé: identidade e resistência (2004), de autoria de Raul Giovanni da M. Lody, e Cabelos e cabeças de mulheres negras (2001), de Fábria Calazans.

As tranças longe de permanecer na formalidade, são verdadeiros espetáculos de visualidade afros nas ruas do pelourinho em Salvador, produzidas por trançadeiras que tecem suas vidas, trançam seus cabelos e perpetuam sua cultura e identidade de raça e de gênero.



Figura 4 e 5 – Mostruários de penteados expostos nas ruas do Centro Histórico de Salvador. Fonte: Arquivo pessoal

Essas trançadeiras são no geral mulheres de diversas idades, que em sua maioria aprendeu a arte das tranças na família, nas ruas e treinavam em suas bonecas, elas se sentem pessoas valorizadoras da cultura afro-brasileira através da referida prática, se sentem apreciadas quando reconhecem o seu trabalho e desvalorizadas quando não são devidamente remuneradas ou sofrem excesso de exigência por parte dos clientes.

Estas tentam se organizar através da ASSOTRANS (Associação das trançadeiras de Salvador), mas as divergências de objetivos e opiniões tem dificultado o êxito da organização que aspira pela regulamentação da profissão que há tempos tem garantido a renda de várias famílias em Salvador, mas que não tem recebido recursos ou investimentos significativos merecidos, afinal os penteados afro antes de serem atividades comerciais, são manifestações culturais e cartões postais da Bahia.

Neste sentido, como esclarecemos anteriormente, os penteados e tranças afro-brasileiras, se constituem enquanto exemplo de manifestações das recriações dos penteados africanos expressando suas referências estéticas, religiosas e simbólicas e que são produzidas em espaços formais e informais, é uma prática até então protagonizada por mulheres que com as tranças sustentam suas famílias e fortalece sua cultura, identidade e tradição,

Segundo Sonia presidente da ASSOTRANS elas trabalham geralmente das oito às dezoito horas dependendo do movimento e trançam cabelos de baianos e turistas do Brasil e do mundo, não tendo preferência pela origem da clientela.

Embora algumas trançadeiras como Margarida e Fernanda afirmem se orgulhar quando trançam os cabelos das pessoas da terra por fortalecerem a cultura local, outras dizem perceber uma valorização maior dos turistas, mas a maioria afirma orgulho em serem mulheres trançadeiras, e que tem transmitido seus conhecimentos para suas filhas que em geral não prosseguem com a função.



Figura 4 e 5 – Cliente após fazer penteado afro no Centro Histórico de Salvador

Fonte: Arquivo pessoal

As elaborações dos penteados produzidos também com finalidades comerciais, costumam estar condicionadas mais ao gosto do público consumidor do que às preferências de quem o efetua. Apesar disso, a produção dos penteados continua mantendo em sua elaboração qualidade plástica reformulada e recriada a partir dos modelos de tranças nigerianas, como também, uma espessa camada de significados que interagem com o universo cultural afro-brasileiro em uma relação dialógica dos indivíduos que tem seus cabelos trançados com as crenças e valores que contribuem de certa forma, para a afirmação de sua etnicidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cabelos afros têm as tranças como um dos seus penteados mais tradicionais, que expressam simbologias e atuam como manifestação visual de identidade e resistência, no sentido de se configurar enquanto um discurso positivo de afirmação étnica da população afro-brasileira.

Os penteados tem sua origem no continente africano, foram transportados para o Brasil junto com a história do seu povo, imigrantes forçados que aqui vieram como escravos e que apesar de subjugados tiveram a sua cultura e simbologia como alicerce de resistência, contexto anteriormente apresentado, no qual as elaborações dos penteados estão inseridos representam uma configuração deste exemplo.

Como argumenta Raul Lody (2001) “retornar a África culturalmente é um conflito permanente diante de uma dinâmica realidade afro-brasileira” e podemos afirmar que a força plástica e simbólica encontrou nos penteados e materiais utilizados um canal de comunicação estética, religiosa, política e social que revela um elo entre a população negra e a África metafórica e imaginada que paira em nossas identidades.

Deste modo se refez uma nova tradição da prática de tranças na Bahia, experiência de pessoas que como dito antes, trançam seus cabelos por motivos diversos, a revelação de identidade, apreciação estética, moda, ostentação do que é considerado exótico no caso de turistas, homenagens de sentido pessoal a orixás, sendo assim uma expressão de tradição e contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACELAR, Jeferson. Etnicidade. Ser Negro em Salvador. Salvador: Ianamá; Programa de Estudos do Negro na Bahia (PENBA), 1989.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo, Editora Brasiliense. 1986.

CALASANS, Fábila. Cabelos e Cabeças de Mulheres Negras. Projeto experimental (TCC) Orientadora Lindinalva Rubin. Faculdade de Comunicação / Universidade Federal da Bahia. Salvador- Bahia, fevereiro/2001.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Trad. Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: Mito, história e etnicidade*. São Paulo. Ed Brasiliense. 1987.

ENTREVISTAS. Realizada com catorze trançadeiras do centro histórico de Salvador-BA, em seus espaços formais e informais de trabalho, durante o mês de Janeiro de 2012, com perguntas semiestruturadas, textualizadas e autorizadas por elas.

FAGUNDES, Raphaela M. *Penteado Afro: Cultura, identidade de profissão*. Fundação Cultural Palmares. 2007. Disponível em:

http://www.palmares.gov.br/005/00502001.jsp?ttCD_CHAVE=281 acesso em 20 /05/ 2010.

FERREIRA, Edson Dias. *Desenho Conhecimento: em direção à construção de sua epistemologia*. In: *Graphica: Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho*, 3, 2000, Ouro Preto, MG. Anais. Ouro Preto, 2000.

FERREIRA, Edson Dias. *Desenho e Antropologia: Influências da Cultura na produção autoral*. In: *Graphica: Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho*, 7. 2005, Recife, PE.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GOMES, Luis Vidal Negreiros. *Desenhismo*. Santa Maria, Rio Grande do Sul: Editora UFSM, 1996.

GILROY, Paul. *Entre campos: Noções, cultura e o fascínio da raça*. São Paulo. Ed Annablume. 2007.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte. Editora da UFMG. 2003.

POLLACK, Michael. *Memória e Identidade Social* In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol. 5, Nº 10, 1992.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 18 ed., 2005.

LODY, Raul Giovanni da Motta. *Cabeças de Axé: identidade e resistência*. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional. 2004.

LODY, Raul. *Jóias de axé: fios-de-contas e outros adornos do corpo: a joalheria afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.2001.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade, seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. Tradução de Elcio Fernandes; São Paulo: UNESP, 1998.

SODRÉ, Muniz. A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves Editora, 1983.

THOMPSON, John B. Ideologia e Cultura Moderna. São Paulo, Ed. Vozes, 2001.

WIEVIORKA, Michel. Racismo: Uma introdução. São Paulo, Editora Fenda. 2002.